

O processo de desmontagem tem sua própria técnica e não pretendi tocar aqui no assunto a não ser periféricamente. Aquilo com o que se fica, então, é ainda o passado, mas um passado *fragmentado*, que perdeu sua certeza de julgamento. Para ser breve, vou citar umas poucas linhas que falam melhor e de modo mais denso do que eu poderia fazê-lo:

Full fathom five thy father lies,
Of his bones are coral made,
Those are pearls that were his eyes.
Nothing of him that doth fade
But doth suffer a sea-change
Into something rich and strange. *

A tempestade, Ato I, Cena 2

Lidei aqui com estes fragmentos do passado após a transformação marinha por que passaram. Devemos à trilha intemporal que o pensamento vai pavimentando no mundo do espaço e do tempo, o fato de podermos usar esses fragmentos. Se alguns de meus ouvintes ou leitores se dispuserem a tentar a sorte com a técnica de desmontagem, que sejam cuidadosos para não destruir o “rico e estranho”, o “coral” e as “pérolas” que provavelmente só poderão ser salvos como fragmentos.

O plunge your hands in water,
Plunge them in up to the wrist
Stare, stare in the basin
And wonder what you've missed.
The glacier knocks in the cupboard,
The desert sighs in the bed,
And the crack in the tea-cup opens
A lane to the land of the dead ... **

W. H. Auden¹⁵

Ou para dizer o mesmo em prosa: “Alguns livros são imerecidamente esquecidos, nenhum é imerecidamente lembrado ...”¹⁶

21. Postscriptum

No segundo volume desta obra irei tratar da vontade e do juízo, as duas outras atividades do espírito. Vistas da perspectiva dessas especulações temporais, elas dizem respeito às coisas que estão ausentes, seja porque ainda não existem, seja

* A cinco braças jaz teu pai,/ De seus ossos se fez coral,/ Aquelas pérolas foram seus olhos/ Nada dele desaparece/ Mas sofre uma transformação marinha/ Em algo rico e estranho. (tradução livre, N.T.)

** Mergulha tuas mãos na água,/ Mergulha-as até os pulsos;/ Olha, olha bem na bacia/ E pensa no que perdeste. // A geladeira bate no guarda-louças,/ O deserto suspira na cama,/ E a rachadura na xícara de chá abre Uma trilha para a terra dos mortos ... (tradução livre, N.T.)

porque já não existem mais; distintamente da atividade do pensamento, no entanto, que lida com os invisíveis em toda experiência e tende sempre a generalizar, essas atividades lidam sempre com particulares e, sob esse aspecto, estão bem mais próximas do mundo das aparências. Se desejarmos aplacar o nosso senso comum, tão inevitavelmente ofendido pela necessidade que a razão tem de sempre avançar em sua busca sem fim de significado, é tentador justificar essa necessidade unicamente com base no fato de o pensamento ser uma preparação indispensável na decisão do que será e na avaliação do que não é mais. Uma vez que o passado, como passado, fica sujeito ao nosso juízo, este, por sua vez, seria uma mera preparação para a vontade. Esta é inegavelmente a perspectiva legítima, dentro de certos limites, do homem, à medida que ele é um ser que age.

Mas esta última tentativa de defender a atividade de pensar da acusação que lhe dirigem de não ser prática nem útil não funciona. A decisão à que chega a vontade não poderá jamais ser derivada da mecânica do desejo ou das deliberações do intelecto que podem vir a precedê-la. Ou bem a vontade é um órgão da livre espontaneidade que interrompe cada cadeia causal da motivação que a prende, ou bem ela nada mais é que uma ilusão. Com relação ao desejo, por um lado, e à razão, por outro, a vontade age como “uma espécie de *coup d'état*”, como disse Bergson; e isso obviamente significa que “os atos livres são excepcionais”: “embora sejamos livres sempre que queremos voltar a nós mesmos, raramente acontece de querermos isso” (grifos nossos).¹⁷ Em outras palavras, é impossível lidar com a atividade volitiva sem tocar no problema da liberdade.

Proponho-me a levar a sério a evidência interna — nos termos de Bergson, o “dado imediato da consciência” — e, de vez que concordo — juntamente com vários outros escritores que se ocuparam desse assunto — com o fato de que este dado e todos os problemas a ele ligados eram desconhecidos da Antigüidade grega, devo aceitar que essa faculdade foi “descoberta”, que podemos datar a descoberta historicamente e que, ao fazê-lo, chegaremos à conclusão de que ela coincide com a descoberta da “interioridade” humana como uma região especial da nossa vida. Em suma, proponho-me a analisar a faculdade da vontade em termos de sua história.

Acompanharemos as experiências que os homens tiveram com essa faculdade paradoxal e autocontraditória (toda volição produz a sua própria contravolição, uma vez que se dirige a si mesma através de imperativos), começando pela descoberta original da impotência da vontade feita por São Paulo Apóstolo — “Eu não faço o que quero, faço exatamente o que odeio.”¹⁸ Examinaremos a seguir o testemunho que nos foi legado pela Idade Média, começando com a compreensão, por Agostinho, de que não são o espírito e a carne que estão em “guerra”, mas o espírito, como vontade, consigo mesmo, o “eu mais profundo” do homem consigo mesmo. Passaremos então à Era Moderna que, com o surgimento da noção de progresso, substituiu a antiga primazia filosófica do presente sobre os outros modos temporais pela primazia do futuro, uma força, nas palavras de Hegel, à que “o Agora não pode resistir”; de modo que o pensamento é compreendido “como essencialmente a negação de algo imediatamente presente” (“*in der Tat ist das Denken wesentlich*